

Caminhos incertos

Caderno de poesia



A R T E S



P L Á S T I C A S

Varanda

Toda Prosa







AINDA QUENTES NA MINHA ESTANTE

O CANTO DA PALAVRA



ETERNOS REFLEXOS



Galeno d'Avelirio

compre Reflexos pela Internet

https://agbook.com.br/book/190141--Reflexos_de_Universos

Edição comemorativa do aniversário de 120 anos de emancipação política de Cruz das Almas e 30 anos da Casa da Cultura Galeno d'Avelirio

Varanda

Estamos de volta, mas ainda trilhando os mesmos caminhos imprevisíveis nos quais o número anterior nos conduziu. Atônitos, nesse trajeto incerto, assistimos a cada dia os desatinos e desencontros dos três poderes como se os seus partícipes fossem apenas menininhos cruéis, cheios de birra, enxergando ao longe a satisfação de obter a qualquer preço as suas próprias vantagens, respingadas nas suas lapelas brilhantes após um golpe sombrio. E os menininhos cruéis enganam, mercadejam, traem, roubam até a consciência do povo e falam, falam e falam.

Para combater o bom combate aqui estamos traçando o nosso trajeto, que acima de tudo é dinâmico, com novos e antigos atores espalhando pelo caminho detalhes importantes de seus universos cheios de reflexões. Nos recortes da produção literária, nas cores das artes gráficas, nos comentários sobre os livros atuais, nas memórias, nos ensaios, fica o registro de quarenta e um anos de existência buscando o seu objetivo principal que é de permitir às vozes dos seus colaboradores chegarem, conscientemente, aos ouvidos do mundo por meio de verbos, imagens e ideias, sem censura ou preconceitos e propagar o pensamento através das artes nesta edição que reverencia os 120 anos da cidade de Cruz das Almas e os 40 anos da Fundação Cultural Galeno d'Avelírio.

Cantando a simplicidade deste rincão cravado no Recôncavo estão: **Sarah Carneiro, Luciano Passos, Wesley Barbosa, Glaucia Guerra, Galeno d'Avelirio e Cyro Mascarenhas** com as suas aldravias, mais que comemorativas.

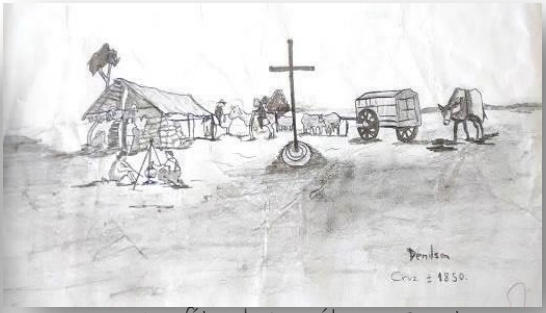
Reflexos de Universos n. 92/2017
ANO 41 – Julho de 2017
Fundadores:
Nelson Magalhães Filho, Welington Sá e Luiz Carlos Mendes
Editores: **Hermes Peixoto e Reinadi Sampaio**
Foto da capa: Guerra de Espadas. Foto: Peterson Azevedo
Facebook: (https://www.facebook.com/ReflexosDeUniversos)
AGBOOK: agbook.com.br/book/235500--Reflexos_de_Universos

A tradição das espadas, quase centenária e tão maltratada nos tempos modernos, recebe o tratamento especial de **Petersom Azevedo** com um lindo ensaio fotográfico que resgata toda a beleza selvagem da Rainha Louca, em Senhor do Bonfim. **Petry Lordelo** poemiza o seu fabrico, a sua beleza e os seus contrastes. O leitor ainda encontrará a poesia de **Reinadi Sampaio, Runa, Glaucia Guerra, Lita Passos, Erica Azevedo, Jaquinha Noqueira, AnaCarol Cruz, Edmundo Guedes, Rita Queiroz, Luiz Carlos Mendes, Edisandro Barbosa, Leônidas Moura, Ana Paula Sampaio, Wagner Gomes, Fernando Scaval** e **Graça Sena.**
Estreando como comentarista de livros, **Osiris Silva,** desde Manaus, nos convida a percorrer as variadas vertentes da vida de Rita Lee por ela mesma contada. O mundo do circo em Cruz das Almas é revisitado por **Flavio Lourenço Lima** e a sua pluralidade é abordada nas crônicas e poemas de **Runa e Reinadi Sampaio**; em Portugal, também o circo é o mesmo fabricador de lembranças. Os poetas **Wesley Barbosa e Glaucia Guerra** mostram o lado gostoso de prosear com poesia, **Juliana Sampaio** estreia e **Ygor Coelho** apresenta a sua crônica sobre as festas de junho. Os "Eternos Reflexos" homenageiam o patrono dos 40 anos da Casa da Cultura, Galeno d'Avelírio com uma pequena mostra da sua vida e três poemas especiais. **Hermes Peixoto** envereda pelo terreno da história e resgata episódios da vida de Maria Felipa, heroína da Ilha de Itaparica, que ao lado de Joana Angélica e Maria Quitéria, representam as mulheres que lutaram pela Independência do Brasil em 2 de Julho.
Está tudo aí ao alcance dos seus olhos ou das suas mãos se a edição for adquirida pela internet, impressa, na livraria e editora Agbook. Boa leitura. (*Hermes Peixoto).*

Cruz das Almas - Vultos e História
Luciano Passos

Discurso poético de Luciano passos, orador oficial do dia 29 de julho de 1995 - 98 anos de Cruz das Almas.





Grafite de Denílson Santana

HOJE tem 98 anos. O relógio enlouqueceu e os números do calendário, dançam, no salão das épocas, a música do tempo. Passado, presente, corpo e alma. O futuro é uma nave veloz e imprevisível. Aqui os vocábulos compõem não razões ou argumentos; só sentimentos. O longo hoje é o meu tema, meu objetivo. O tom da minha voz, a longitude do meu grito, a raiz do meu pensamento. Aqui, neste grão de universo, cravado como um sinal luminoso no coração do Recôncavo, eu brotei, como fruto humano gerado no ventre da mãe terra. E ela não deve estar apenas no nosso registro de nascimento, mas nos nossos atos, gestos e caráter. Carrego nos ombros o desejo mortal de amar a vida. E quero louvar minha terra, não com o beijo, mas com o tição das palavras. Ungir com luzes, pessoas, luares, acontecimentos. Sem ordem ou cronologia. Eu vim do Campo Limpo, onde a casa é a pausa branca no verde absoluto, e um cão astuto guarda a infância. Onde as portas tem o Dom de esperar. Eu vim de lá. E trago nos sapatos os restos dos

caminhos, e muito sonho. Qualquer sonho sem dono que passar pelo meu sono. Por isso o dia hoje tem 98 anos.

Poderia eu falar da grandeza de Cruz das Almas, seus filhos ilustres, seus Senadores, Comendadores, Doutores, a origem do seu nome, sua economia, sua agricultura, seu comércio, seus órgãos de pesquisas, suas tradições. Não posso, trago em mim os versos vadios de seus poetas.

Sou um arauto das lendas que não foram contadas. Às vezes penso que sou um centurião a serviço dos esquecidos, dos relegados, dos colocados à margem da linha, onde passa o trem da história.

Sei que tenho um compromisso. Feito de gente, feito de coisas. Ao vir para cá, vi os jesuítas, arrendando terras, escravizando os índios cariris e os sabujás, violentando sua cultura, seus costumes, suas crenças. Vi os portugueses chegando, fincando a cruz de madeira. Vi os italianos, os sírios e os escravos, levantando casas com o adobe molhado por suas próprias lágrimas. Surgiu a matriz, nasceu o arraial, veio a cidade, vieram os tropeiros, os mascates, os lampiões de gás, o primeiro automóvel, o primeiro caminhão, os gringos (alemães, imensos e brancos com um monte nevado), os armazéns, as primeiras lojas, a luz elétrica, os correios, o carnaval, as avenidas, as fábricas, o telefone, os prédios escolares, os centros de pesquisas, a universidade, os carros reluzentes dos Suerdiecks, os colégios, enfim, a transformação. Encontrei, no fundo dos fatos, apenas figurantes, principais e secundários de uma epopeia real. Nascimento e vida de uma cidade.

Quero louvar neste longo dia os atores cujos nomes não apareceram nos cartazes luminosos das homenagens tardias. E começo pelo Padre Teodósio, nosso 1º Pároco, o Pastor José Rodrigues da Igreja Batista, o Pastor Eugênio Rocha da Assembléia de Deus, e o Pastor J.G. Ebenger da Igreja Adventista. Alguém se lembra deles? E os músicos da Filarmônica Minemosina, a pioneira. Alguém sabe seus nomes? Não, seus nomes perderam-se no ar, como as notas dos seus próprios instrumentos.

Mas quando eu vinha, encontrei Ranulfo Eloy, fabricando seus charutos marca "cruziense", olhei as vitrines da "Barateira", com suas portas de aço (as primeiras que aqui apareceram), acenei para João do

Carmo, uma espécie de "Ouvidor Geral" do Prefeito, e meus olhos se encheram com as cores do Terno de Reis de Dadinha, enquanto Lameirão mercava sua canjica da mina. Aprígio Dó-Ré, vendia cachaça sob o olhar de Manoel Caetano, de terno, chapéu e guarda-chuva, imaculadamente pretos. Encontrei o operário Tomé, com seus 45 filhos, falando francês, para catedráticos da Escola de Agronomia. E Arthur Silveira comprando na Triunfante. Vi Preto Maia, Hilarião, Zeca de Padre, Leonel Ribas, Seu Gugú, Bibi Surdo, Pichú e seu eterno charuto, João Bico de Bule, Cula Sapateiro, Pianchão e Aurélio Barbosa com seu magnífico sorriso de apenas dois dentes. Depois encontrei Santo Bicudo, no Bar de Barrão, comemorando o campeonato do seu adorado Fluminense. Notei um jovem chamado Carmelito despachando numa farmácia a um certo senhor de nome Jorge Amado. Será coincidência? Parece que não. Vi os olhos azuis atrás dos óculos de arame de Henriete Marie Blanche, uma francesa, que, na casa ao lado da igreja costurava seu tricô na cadeira de balanço, do alto dos seus oitenta anos. Para mim, apenas Vovó Quequeta. Paris foi seu berço, Cruz das Almas, seu ninho. Vi muitos nomes escritos nas fachadas das casas, nas roupas no varal, na soleira das portas, no peitoril das janelas coloniais. Tomázia, Tereza Velha, Alva, Alice, Daurília, Angela, Joana, Xarita, Manezinho da Veloza, Profª Estelita, Profª Armandina, Deguinha Sanfoneiro, maestro Duca e Cecilio, o caçador de cães desordeiros.

No Cine Constelação passavam dramalhões mexicanos e no Cine Popular reinava a sensualidade de Maria Antonieta ponds. Tempo de cowboys e seus cavalos amestrados, seus murros certeiros. Tempo de amores furtivos, paixões recolhidas, inocência cruel.

Eu vi Galotti, Profª Olga, Verdival Pitanga, Zinho Peixoto, Dr. Pugas, Clementino do Combê. Nomes, nomes que forjaram o espírito cruz-almense. São tantos, tão grandes, cabem na minha memória. Mas não cabem na gratidão e no reconhecimento.

Passo pela feira: bocapios. O amendoim de Joana Branca, o alferes de dualizar, panacuns, cabaças, arupembas, moringas, fifós, petromáx, xerem. Amuletos, ervas milagrosas, elixir paregórico, ingá, livros de cordel, cuiubas, cavalos de "flexa", enxadas, quebra queixo, chapéu de beata, manteiga Constelação, enchunda de galinha e

alparcatas Rhodia, Cigarro Yolanda Azul, charutos "estoura-peito", bexiga de boi, forquilha prá bodoque, canivete corneta, espingarda de socar, garrucha de dois canos, infusão de cabeça de patrona, latas de querozene jacaré, óculos Ray Ban, trancelim, sinetas para mulas mãe de tropa, rapa de unha, capa colonial, camisa volta ao mundo e cobertores dorme bem. Araponga de bigorna, Sabonete Coty, Perfume Royal Briar, Brilhantina Glostora, calça curinga e Estampas Eucalol. Remédios prá dor nos quartos, difrusada e espinhela caída.

Uma Torre de Babel, onde se fala a mesma língua, o idioma do alarido.

Ergue-se à minha frente como um palácio de chumbo a Fábrica Suerdieck. Penetro seus corredores. Silêncios e gestos. Mulheres trabalhando, meninas mulheres, morenas mulheres. Fadas da periferia. Teodoras, Luzias, Franciscas. Meia-luz e névoa. Olhares ariscos como diamantes minúsculos. Toques, Chinelos, saias coloridas, panos na cabeça. Escultoras de formas vegetais. Soube que perto dali, nascera um menino, filho de Ramiro e Dina, a quem deram o nome de Luciano. Ele não ouviu canções de ninar, mas discursos políticos. Não chorou ao ver a luz do sol, mas berrou um poema indecifrável. Na casa ao lado, no Reporter Esso, Heron Domingues anunciava o fim da Segunda Guerra Mundial.

O longo dia parece que chegava ao fim. As palmeiras da praça já penetram no negror que agasalhava a cidade. A noite desceu de pára-quedas sobre a Praça. O Serviço de Alto Falantes Tamandaré espalhava o som da Ave Maria.

Senti a presença de Deus sentado no meio-fio. E Deus está sorrindo, pelos lábios vermelhos dos flamboyants, entre bandeiras brancas e azuis, as normalistas do Colégio Alberto Torres.

Sobre a calçada uma página do Jornal Nossa Terra, com uma crônica da Mario Pinto da Cunha falava do sabiá do meu avô Alberto que, quando ele partiu para outra dimensão, na sua charrete com asas de anjo, cantou durante todo o velório. Depois, nunca mais cantou e dias depois foi encontrado mudo e morto. Partiu com o amigo para o cosmos. Estórias da minha terra. Cruz das Almas é o meu signo. Sou cavaleiro plebeu do reino do recordar. Minha espada é a palavra; meu escudo é a saudade. Meu castelo um araçazeiro. Minha lança é verde